

## TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS:

### RECONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS NA RUA VELHA 7/9 E TRAVESSA DA RUA VELHA 11/19

Procedeu, entre 2005 e 2008, a Câmara Municipal de Coimbra à empreitada de Reconstrução de Edifícios na Rua Velha 7/9 e Travessa da Rua Velha 11/19, no centro histórico da cidade, Servidão Administrativa da Igreja de Santiago (ZEP – DG 6, 2ª série, de 08-01-1960), área de Grau 1 do PDM (grau máximo de proteção no que respeita o património arqueológico e histórico), contando, assim, com trabalhos arqueológicos de salvaguarda.



Os trabalhos arqueológicos, da responsabilidade científica do arqueólogo Sérgio Madeira, consistiram no acompanhamento efetivo da abertura de valas para a contenção das fachadas dos imóveis, bem como da demolição da área residual com picagem de todas as paredes, acompanhamento das remoções de todos os escombros ao longo das várias fases do projecto e escavação total da área, adotando-se para esse efeito a estratégia de escavação em *open area*, com divisão da área em quadriculas e com recurso ao registo pelo método das unidades estratigráficas.

O processo arqueológico constou do registo fotográfico, gráfico e topográfico, com vista ao reconhecimento da evolução e sucessão das realidades arqueológicas individualizadas durante todo o processo.

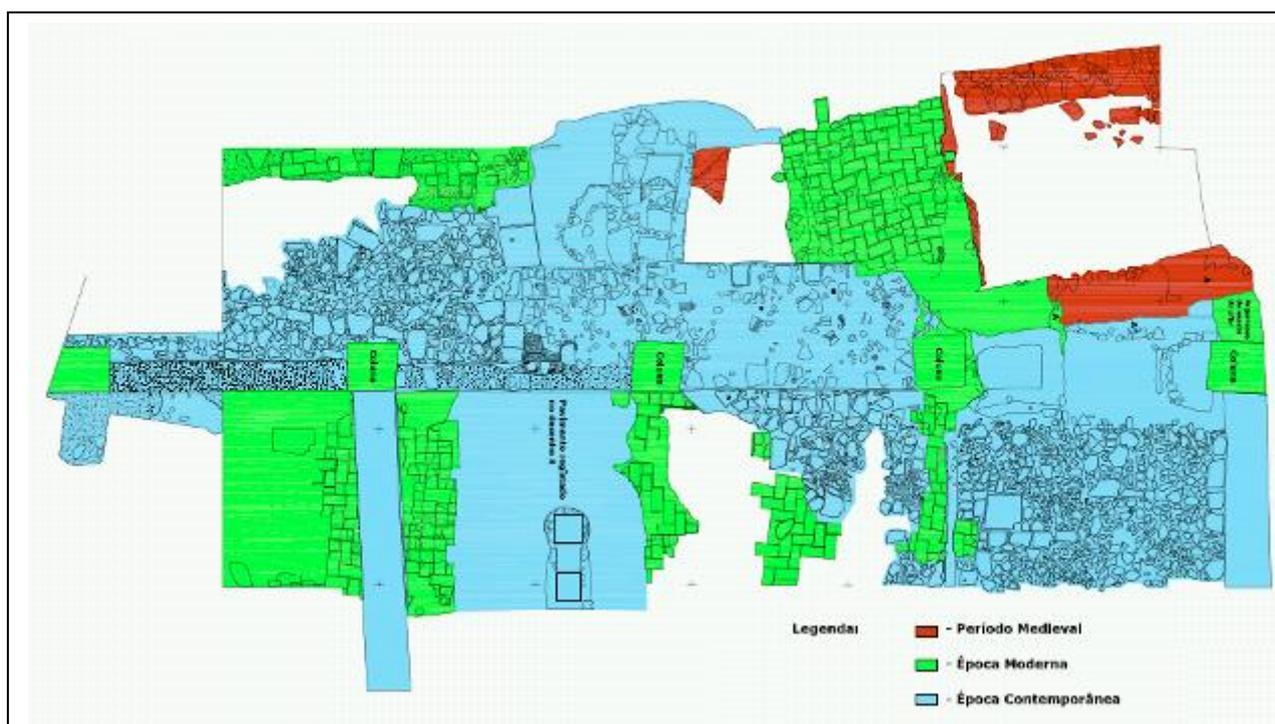
Esta intervenção, situada numa zona de grande sensibilidade arqueológica e histórica, revestiu-se da maior importância para o conhecimento do crescimento urbanístico do arrabalde da cidade muralhada, uma vez que se encontra nas proximidades da Igreja de São Tiago, um dos primeiros templos cristãos construídos nesta área, bem como junto ao traçado da via que na época Romana ligava Lisboa (*Olissipo*) a Braga (*Bracara Augusta*), artéria com importância estruturante no desenvolvimento urbano desta cidade.

Para o período medieval a informação é escassa, não existindo ainda estudos arqueológicos conclusivos das realidades arqueológicas desta zona.

Certo é que no subúrbio quase todos os sistemas urbanos foram afetados, em alguns casos até ao desaparecimento, pelo regime de inundação e assoreamento do vale pelas águas do Mondego.

Mediante as condicionantes relacionadas com a segurança do local e a cota de profundidade a que foram desenvolvidos os trabalhos de escavação os resultados do estudo do espaço intervencionado são neste momento de difícil perceção, perante a diversidade e complexidade dos vestígios detetados, sendo certo que ao nível do piso térreo não foram detetados elementos reveladores da vida doméstica quotidiana, remetendo o espaço para uma vocação artesanal/ industrial/ comercial relacionada com os topónimos da zona: Rua dos Pintadores (séc. XV), Rua da Saboaria (séc. XVI), Rua dos Sapateiros (desde o séc. XVI).

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos permitiram a perceção de duas realidades distintas no local intervencionado. Por um lado, uma área a sul, englobando os atuais n.ºs 11, 13 e parte do 15, com vestígios de estruturas cujos níveis de aterro e ocupação associados tendem a remeter para uma cronologia mais antiga. Por outro lado, a restante área, englobando os atuais n.ºs 15, 17 e 19, com vestígios de uma maior segmentação ocupacional do espaço, associados a cronologias mais recentes.



O imóvel sito nos n.ºs 11/13 aparece referenciado por Luísa Trindade como um dos mais significativos edifícios da casa corrente dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna em Portugal conservados em Coimbra (TRINDADE, 2002, p.50), podendo englobar-se no que esta autora considera como o 5.º tipo da casa corrente: “As casas sobradadas armadas sobre arcos ou esteios. (...) Aparecem em Lisboa, Coimbra, Évora, Elvas, Santarém, Torres Vedras, Tomar, Porto, sempre nas áreas de maior vocação comercial. Para além de mais interessantes do ponto de vista arquitetónico, as casas sobradadas com arcadas ao nível térreo teriam, em média, uma área superior às outras tipologias” (TRINDADE, 2002, p.74).



A arcaria central estruturante, em bom estado de preservação, associada aos vestígios do pavimento em tijoleira, é reveladora duma tipologia construtiva que podemos considerar como sendo de finais da Época Moderna.

Uma estrutura existente sob a escada do n.º 11 está relacionada com as estruturas mais antigas detetadas nesta intervenção, cuja datação aponta para fins da Época Medieval, não tendo sido possível o seu estudo exaustivo nesta intervenção por motivos de segurança, aguardando-se a oportunidade de estudos futuros.

Pelo exposto, e por se considerarem relevantes, propôs-se como medidas de minimização do património arqueológico detetado a integração destas estruturas no projeto em apreço.



NOTA: O Relatório Final de Trabalhos Arqueológicos referente ao presente estudo encontra-se disponível para consulta na Divisão de Reabilitação Urbana da Câmara Municipal de Coimbra.

#### BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- ALARCÃO, J. de (1999), “A evolução urbanística de Coimbra: das origens a 1940”, Atas do I Colóquio de Geografia de Coimbra, *Cadernos de Geografia*, n.º especial, p. 1-10.
- APPLETON, J. (2003), *Reabilitação de Edifícios Antigos – Patologias e tecnologias de Intervenção*, Ed. Orion.
- LOUREIRO, J. P. (1964), *Toponímia de Coimbra*, Vol. I, Coimbra.
- MANTAS, V. S. G. (1996), “A rede viária romana da faixa atlântica entre Lisboa e Braga”, Tese de Doutoramento em Arqueologia Clássica, FLUC, 2 vols., policopiado.
- MANTAS, V. S. G. (1992), “Notas sobre a estrutura urbana de *Aeminium*”, *Biblos*, Vol. 68, FLUC, Coimbra, p. 487-513.
- ROSSA, W. (2001), *Diversidade, Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade*, Tese de Doutoramento apresentada ao Departamento de Arquitetura da FCTUC. Coimbra. Edição do Autor.
- TRINDADE, L. (2002), *A casa corrente em Coimbra – Dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna*, Coleção Coimbra – Património, n.º 1, Ed. Câmara Municipal de Coimbra.